

Bom Samaritano: Elementos e Metodologia para atuação em Grupos

Helio Abreu Filho¹

*“Certo homem descia de Jerusalém para Jericó, e veio a cair nas mãos de salteadores. Estes, depois de tudo lhe roubarem e lhe causar muitos ferimentos, retiraram-se, deixando-o semimorto. **Descia por ali um Sacerdote que vendo o homem ferido e caído ao chão, passou ao largo. Certo Samaritano, que seguia o seu caminho, passou perto e vendo-o, compadeceu-se dele. Chegando-se, tratou-lhe as feridas, colocou-o sobre o seu próprio animal, levou-o para uma hospedaria e tratou dele. No dia seguinte, tirou de sua bolsa dois denários e os entregou ao hospedeiro, dizendo: cuida bem deste homem e, se alguma coisa a mais lhe faltar, eu te indenizarei quando voltar.**”*
Evangelho segundo São Lucas

(<http://www.techs.com.br/meimei/historias/historia20.htm>)

Nesta esclarecedora Parábola existem duas etapas claramente anunciadas. A primeira, diz respeito à relação de um ser com outro ser: a troca pessoal. Vencida a primeira fase, apresenta-se o dia seguinte, que ocorre na Estalagem, que alcança os recursos institucionais que podem vir a ser disponibilizados ao ‘caído’. Ali se complementam as ações de atendimento iniciadas com aquela primeira atitude pessoal, **caridosa**.

O estalajadeiro está realizando um negócio, um compromisso, um contrato administrativo. O Samaritano e o estalajadeiro COMBINARAM uma tarefa. Dimensionaram o serviço a ser executado. Houve um preço pago no ato, para confirmar este planejamento. Mas, como em todo planejamento pode haver distorções, equívocos, mau dimensionamento das variáveis, combinou-se que, no retorno, haveria complementação. Quer dizer, também não houve exploração. Não se efetivou ali o risco negocial com o enriquecimento sem causa.

Ambos, Samaritano e estalajadeiro, estavam negociando de forma justa, fraterna. Naquele momento, já não existia mais a atitude caritativa, mas uma atitude negocial. Ali estava representado o ato do Samaritano de pagar pelo atendimento de um desconhecido (desconhecido?). Ato que pode ser caracterizado como de filantropia.

A ‘caridade’ ali não existiu, razão pela qual ela não ficou caracterizada no atendimento da Estalagem. **Não se compra caridade,**

¹ Advogado, Administrador. www.helioabreufilho.com.br

nem se paga por ela. E uma Instituição não faz caridade, executa um serviço.

A Estalagem vai cumprir sua missão: cuidar do caído. A Estalagem é uma organização composta de profissionais, empregados, pessoas com tarefas a cumprir e para as quais os obreiros recebem retribuição pecuniária. Cuidar, portanto, significa profissionalizar, alimentar, orientar, apoiar materialmente, dar suporte espiritual que o caso requerer.

E o Samaritano pagará o preço do serviço combinado, planejado.

Mas, por que ainda o significado de caridade não se concilia com o conceito do serviço realizado na Estalagem?

Porque a **caridade** é um ato de disposição, de abrir o coração, de vontade de estar com o outro, de estabelecer trocas. É **PESSOAL**.

Alguém, portanto, pagou pelo serviço da Estalagem.

Assim, a filantropia exercida pelo comprador do Serviço da Estalagem também tem que ter financiamento, tem que ter cobertura financeira. A Estalagem não se estende à filantropia. Ela é própria, apenas, de quem praticou o ato de financiamento. E só se deve abrir uma Estalagem, só se deve atender na Estalagem, se houver suporte financeiro para tal. Não se operou ali um atendimento, sem que houvesse aporte de recursos pré-afiançados.

Assim, a lição é de que não se pode deixar o 'caído' à mercê de toda sorte de vicissitudes, seja pela incúria daqueles que gerenciam a Estalagem, ou, seja pela insensatez daqueles que querem, somente, transferir o problema do 'caído' para terceiros.

Mas, é de se lembrar também que o Samaritano prometeu retornar.

E, no retorno, iria pagar o que mais houvesse sido gasto. E para pagar, certamente iria conferir o serviço executado. Certamente iria avaliar. Havia, portanto, um cronograma para o desenvolvimento da ação, que fora estabelecido quando do planejamento do negócio.

Finalizando, além de presentes o planejamento e a fonte do custeio, outros elementos que compõem a ciência da Administração podem ser destacados nesta passagem Evangélica:

- Supervisão:

Estava em cima de um cavalo, para poder olhar melhor.

- Observação:

Conhecia o que supervisionava, pois percebeu o caído.

- Reflexão/Decisão:

Pensou sobre o que via e decidiu pela necessidade de agir.

- Ação:

Agiu, ao descer do cavalo. Tomou uma atitude pró-ativa.

- Nivelamento:

Foi ter com o outro (não chamou e nem aguardou). **Desceu** ao nível do outro (não ficou lá na condição de Chefe). **Buscou** a influência (não se impôs). Utilizou de uma ESTRATÉGIA para a conquista do caído.

- Disposição:

Disponibilizou daquilo que tinha. Não foi buscar nada com terceiros. Não aguardou mais alguém passar. Exerceu a transferência para o outro daquilo que tinha consigo.

- Sagacidade:

Foi SAGAZ – qualidade de um líder – assim que disponibilizou o que poderia, de pronto, amenizar a situação.

- Conexão:

Teve uma atitude de focar a necessidade premente do caído, executando então, o ato de **confortar**.

- Efetividade:

Atendeu, na quantidade e qualidade, à necessidade apresentada pelo caído.

- Influência:

Possibilitou a modificação de uma condição de vítima em outrem, para assunção de atitude de 'ser' consciente, com condição de se autogovernar.

- Alteridade:

Teve capacidade de se conformar ao revés presenciado, transformando-o em oportunidade de crescimento (se refere à aceitação das diferenças, a não indiferença, o aprender com os diferentes, o amar ou ser responsável pelo outro).

- Companheirismo:

Caminhou com ele até a Estalagem.

- Coragem:

Assumiu as despesas do caído, sem ter tido qualquer contrapartida ou compromisso do caído.

- Diálogo:

Ponderou e negociou com o estalajadeiro a permanência do caído na Estalagem.

- Determinação:

Assumiu responsabilidades.

- Programação:

Programou a permanência do caído em termos de tempo e serviços, posto que chegou a um determinado preço com o estalajadeiro.

- Providência:

Exerceu a providência a consertar que, na volta, pagaria tudo o mais que houvesse sido aplicado ao caído. Dispôs de um fundo (financeiro), não retirou de sua família.

- Supervisão:

Retornou a sua condição de supervisor efetivo, ao informar que voltaria.

- Avaliação:

E, se pagaria tudo o mais que houvesse sido empregado, é porque ele conferiria e avaliaria.

Pretendendo consolidar esta reflexão num contexto pragmático, reproduzimos a seguir alguns passos experimentais que podem ser realizados por atores sociais em seus grupos, como vivência bastante elucidativa desta Parábola, por possuir um vértice pedagógico, outro afetivo e um terceiro, de cidadania. Vejamos:

METODOLOGIA PARA APLICAÇÃO EM GRUPOS

(Ao iniciar, solicite que os pertences pessoais fiquem visíveis. A seguir, leia a parábola e inicie a atividade.)

Esta metodologia, criada no ano de 1999, foi aplicada com sucesso no Estado de Pernambuco e depois em Santa Catarina, junto a algumas instituições religiosas.

PRIMEIRO PASSO: Observar!

Olhe para um colega próximo, qualquer colega.

Procure ver os demais colegas: o que está na frente, atrás, ao lado, lá longe.

Retorne para o colega que escolheu.

Procure ver algo mais nessa pessoa. Olhar só não basta (mas não converse).

Pergunte-se:

- O que será que ele está fazendo aqui? Onde será que atua? Quais os seus princípios de vida?

Repita o procedimento com outro colega próximo a você.

SEGUNDO PASSO: Reflexão!

Você que está atuando com crianças, já ouviu todas estas pessoas sobre o que elas pensam a respeito do tema criança (o mesmo pode ser empregado em relação ao idoso).

Converse com elas. Veja o que pensam. (três minutos para esta ação).

TERCEIRO PASSO: Desprender-se!

Tire o sapato e aguarde. O que sente? (ouvir alguns depoimentos).

Tirar o sapato é contatar com a realidade, com o mundo real, com o chão do nosso cotidiano.

Muitas vezes, pensamos que estamos em contato com a realidade e não estamos.

Tirar o sapato é se despir do orgulho, da vaidade, da nobreza, das diferenças.

Não foi o que fez o Bom Samaritano?

Ele não desceu do cavalo? Ele não se desprende para estar com o outro?

QUARTO PASSO: Ir ao encontro (ação)!

Suba na cadeira (avaliar antes as cadeiras para que não ocorram quedas).

Você que subiu, conquistou o direito de aí estar.

Dê um giro. Veja todo o ambiente. Veja seus colegas.

Você conseguiu ver de cima, ver mais longe, ver mais alto.

Como é para você ter subido na cadeira? (colher depoimentos).

Quem não subiu, pode estar com dificuldades de se desvencilhar de seus padrões; vai ter dificuldade de intervir na realidade.

Quem não subiu, está na base da teoria. Ela é importante, mas nós estamos atuando com o 'ser' e ele precisa do contato, da troca, da ação de ir ao seu encontro. (desculpar-se com aqueles que têm problemas de saúde)

QUINTO PASSO: Relação de troca!

Você aí de cima, troque de lugar com o companheiro ao lado.

Com este ato, você vai sair do seu lugar, da sua realidade. Você vai até a realidade do outro. (esperar)

O seu lugar não é mais seu, agora é do outro e o do outro, é o seu.

Comente o que está sentindo. (tomar alguns depoimentos).

SEXTO PASSO: Envolvimento.

Para trabalhar integrado à pessoa, tem que sair do seu lugar, ir ao encontro dela, tem que ouvi-la.

De que adianta atender-lo se não sabe o que sentem. Vá até eles.

Você, agora, que está atrás, olhe para os da frente; o da frente, olhe para os que estão atrás de si.

Vamos mudar de lugar. Você aí da frente, vá para trás e você aí de trás, venha para frente.

Experimente. Vivencie este momento.

Nós precisamos caminhar para longe de onde estamos.

Normalmente, não vamos muito longe.

Ir longe é difícil, incomoda-nos, exige-nos.

Nós, normalmente, somos comodistas, principalmente se este esforço for para atender ao outro.

Geralmente, deixamos de fazer porque não está na mão, não está disponível.

Geralmente, desculpamo-nos: "não é da minha área!"

Vejamos, agora: o que esta atividade representou para você, relacionando com a parábola do Bom Samaritano?

É pôr a MÃO NA MASSA! O Samaritano pôs a mão na massa, envolveu-se.

SÉTIMO PASSO: Realização!

Toque com a mão direita alguém ao seu lado.

Toque com mão esquerda alguém ao seu lado.

Agora, sinta, vivencie, experiencie este toque.

Só quem sente é quem toca.

Sente muito mais aquele que toca do que aquele que está sendo tocado.

Este é o gesto do Samaritano junto ao caído.

Ele tocou o caído.

Se você não escutar o que aquele que foi tocado (o caído) está lhe dizendo com suas palavras, seus gestos, suas apreensões, expressões, você vai dar um REMÉDIO para o estômago, quando a dor é no pé.

Nossas instituições estão atendendo ao caído, conforme o que nós pensamos, conforme o que o caído tenha de necessidade?

Como a Educação atende à criança, se ela tem fome ou se está doente?

Como a Saúde quer atender à criança, se ela não tem lazer, não tem educação básica, não tem dignidade?

Como a Assistência Social quer atender à criança, se os pais não têm emprego, se o pai é alcoólatra, se os irmãos esmolam?

OITAVO PASSO: Integração!

Como o Samaritano não conseguiu resolver tudo sozinho, levou o caído para a Estalagem.

Por que ele levou o caído para a estalagem? (ouvir)

Ele levou para que o homem ferido tivesse um acompanhamento.

O Samaritano fez o que é de sua alçada.

O Estalajadeiro também fez o que é de sua própria alçada.

Mas, ambos fazem um acordo, combinado:

- um tem o dinheiro (é o setor financeiro)
- o outro tem o remédio (Saúde, Educação, Trabalho, ...).

O atendimento ao caído deve ser combinado por todos os envolvidos, todos os compromissados.

E, o que é mais importante ainda...

NONO PASSO: Avaliação!

O que foi feito deve ser avaliado.

O Samaritano disse ao Estalajadeiro: “quando eu voltar...”

Ele afirmou ali que voltaria para que o estalajadeiro tivesse a certeza de que ele voltaria.

O que pensava ele fazer quando da sua volta?

- Saber se o caído fora bem atendido.

Quer dizer, o atendido (caído) deve dar seu feedback sobre o atendimento que recebeu e está a receber.

Cada instituição e órgão envolvido precisam ter um sistema de avaliação próprio e, nesse sistema, deve estar presente o caído.

Qualquer ação tem que ter a avaliação do atendido, que deve ser ouvido.